

24 SET 1985

JORNAL DO BRASIL

Política

# Sarney: exigência de credor ameaça democracia

*discurso*  
**Nova Iorque** — O Presidente José Sarney, no discurso de abertura da 40ª Assembléia-Geral da ONU, advertiu que a democracia na América Latina não resistirá às imposições dos bancos credores de sua dívida externa. Aplaudido com entusiasmo pelas delegações dos países pobres, Sarney afirmou que o Brasil “não pagará a dívida externa nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome”, porque “com débito pago com miséria é conta paga com a democracia.”

Após o discurso, em entrevista a 70 jornalistas, Sarney atacou o FMI, classificado de “auditor de bancos internacionais” e responsabilizado pela “crise social em que o Brasil esteve mergulhado.” Criticou também o protecionismo dos Estados Unidos: “Somos induzidos pelas agências internacionais a exportar cada vez mais, para gerar saldos que possibilitem o pagamento da dívida. No entanto, os mercados que podem absorver nossos produtos se fecham.”

**“Longa noite”**

Em sua apresentação ao plenário da

ONU, Sarney começou ditando versos do poema “A Máquina do Mundo”, do poeta maranhense Bandeira Tribuzzi, seu amigo morto em 1977: “Que tempo de viver-se/que sonho raro será mais puro e belo, e mais profundo do que esta viva máquina do mundo?”. Disse que falava em nome de um país que é “a oitava economia do Ocidente”, mas se definiu como “homem simples” vindo do “populoso e pobre Nordeste brasileiro.”

“O Brasil acaba de sair de uma longa noite”, continuou seu preâmbulo, assinando que “o instrumento de nossa viagem do autoritarismo para a democracia foi a capacidade de conciliar.” Acrescentou que “nossa determinação, coragem e resignação foram tão fortes, que suportamos a perda do nosso herói, Tancredo Neves.”

“Estou aqui para dizer que o Brasil não deseja mais que sua voz seja tímida”, anunciou Sarney, renunciando o tema da dívida externa, que daria o tom do discurso e sobre o qual foi incisivo: “Nosso povo chegou ao limite do suportável. É impossível solicitar sacrifícios adicio-

nais de uma população depauperada.” Em seguida enfatizou: “Ou conscientizamo-nos de que a solução da dívida externa é uma tarefa conjunta de credores e devedores, ou arriscamo-nos a atear fogo no barril de pólvora que ameaça o Continente.”

Sarney citou o exemplo do Plano Marshall, patrocinado pelos Estados Unidos para reerguer a Europa Ocidental após a II Guerra Mundial e disse que a América Latina precisa de algo semelhante, para que seus países possam pagar as dívidas contraídas sem custos sociais e econômicos.

“Moderado em seu tom, mas energético em seu conteúdo”, comentou a agência **France Presse** sobre o discurso de Sarney. A **UPI** ressaltou a semelhança entre a posição assumida pelo Presidente brasileiro e a do Presidente do Peru, Alan García. A agência espanhola **EFE** disse que foi “um discurso sem concessões com relação à injusta ordem econômica mundial”.

Sarney declarou aos jornalistas que o

Brasil vai apresentar aos organismos financeiros internacionais uma proposta de reordenamento das relações econômicas entre países ricos e pobres. Referiu-se ao México como exemplo típico da inadequação da receita do FMI para os países devedores.

Sobre a reunião de anteontem, aqui em Nova Iorque, dos ministros da Fazenda e presidentes dos Bancos Centrais dos cinco países industrializados — Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Inglaterra — Sarney considerou o resultado decepcionante, na medida em que os participantes pregaram uma solução ortodoxa de desequilíbrio econômico entre nações ricas e pobres.

Enquanto aguardava que o intérprete traduzisse a resposta para os jornalistas, Sarney, esquecendo-se de que o microfone permanecia ligado, virou-se para o Ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, e perguntou: “Não é isso?”. Setúbal, que habitualmente fala alto, respondeu com entusiasmo: “É isso mesmo”.